

COMO QUE OS POLICIAIS REFORMADOS ENXERGAM E SE RELACIONAM COM A CORPORAÇÃO?

HOW DOES THE POLICE OFFICERS SEE THEMSELVES AND RELATES WITH THE CORPORATION?

DA SILVA, Tácito Azevedo¹
COSTA, Leon Denis²

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo estudar e entender como é a relação dos policiais reformados com a corporação e serviço ativo. No caso exposto, foi desenvolvido um roteiro de entrevista com 11 perguntas justamente para esses policiais aposentados, que no caso foram quatro, dentre eles policiais que voltaram para o serviço a ativo e os que continuaram na reserva. Pôde se concluir que os policiais aposentados não têm, em sua maioria, discriminação por parte da tropa por estarem na referida situação de inatividade e que se sentem amparados pelos serviços prestados por fundações e associações que cuidam de seus direitos como servidores públicos e policiais militares. Entretanto podemos perceber que todos os policiais que se aposentaram, se pudessem voltar ao serviço ativo voltaria, pois estes acabam relatando que quando vão para a reserva sentem falta do serviço policial e nenhum outro serviço os preenchem. Portando, é preciso conscientizar os policiais militares da ativa, que, um dia a reforma vem e devem se preparar para ela, porque caso contrário, sofrerão emocionalmente, psicologicamente, financeiramente e fisicamente com a necessidade de serem policiais da ativa e não serão mais.

Palavras-chave: Policial reformado. Corporação. Relação.

ABSTRACT

This study had as objective to study and to understand how is the relation of the reformed police with the corporation and active service. In the case presented, an interview script was developed with 11 questions, precisely for these retired police officers, who in this case were four, among them police officers who returned to the active service and those who remained in the reserve. It could be concluded that the retired police officers do not have, for the most part, discrimination on the part of the troops because they are in that situation of inactivity and that they feel supported by the services provided by foundations and associations that take care of their rights as civil servants and military police officers. However, we can see that all the policemen who retired, if they could return to active service, would return, as they end up reporting that when they go to the reserve they miss the police service and no other service fills them. Therefore, it is necessary to make the military policemen aware of the activism, which, one day, the reform comes and must prepare for it, because otherwise, they will suffer emotionally, psychologically, financially and physically with the need to be police officers of the active and will no longer be.

Keywords: Retired Police Officer. Corporation. Relation.

¹Aluno do Curso de Formação de Praças do Comando da Academia da Polícia Militar do Estado de Goiás – CAPM, tacito.azevedo@gmail.com; Valparaíso de Goiás-GO, Maio de 2018

²Professor Orientador: Professor titular da Especialização Polícia e Segurança Pública do Comando da Academia da Polícia Militar (CAPM), Oficial da Polícia Militar de Goiás, Graduado em Letras, Especialista em Gerenciamento de Segurança Pública e Mestre em Sociologia; Email:leondeniscosta@hotmail.com; junho de 2018.

1 INTRODUÇÃO

É fato que os militares devem ter um cooperativismo em tudo que lhes competem, até mesmo para terem sucessos em suas missões e no dia a dia que os mesmos enfrentam. O militarismo martela cotidianamente que os militares necessitam de união e que para isso é necessário que cada um abra mão de uma opinião, vontade, desejo e até mesmo direito para o bem comum da tropa, para que nenhum componente sucumba durante as guerras diárias.

As relações de lealdade militar, a confiança, o espírito de corpo, a camaradagem e solidariedade, a honestidade e a coragem de enfrentar problemas, que muitas das vezes, complexos para a sua função são aspectos e forças que mantêm uma corporação militar unida e baseada nos preceitos militares

O policial militar é preparado não para uma guerra que possa acontecer no futuro, mas sim para uma guerra que está acontecendo e lhe dando diretamente com o cidadão de bem- trazendo sua proteção- e também com o infrator da lei- cumprindo mandados de prisão, efetuando trocas de tiros, realizando abordagens e o mais almejando do policial- a prisão dos infratores.

Em meu artigo vou ressaltar diversos valores que o militar, em especial o policial militar, cultiva desde que incorpora na instituição militar até a data de sua reforma, que no caso passa a ser um militar inativo para a corporação, assim perdendo de ter e de receber pela corporação os valores que são cultivados durante os 30 anos de serviço ativo de sua instituição, mesmo preservando as responsabilidades e prerrogativas do posto ou graduação.

Segundo GOIAS (2017), no Estatuto da Polícia Militar do Estado de Goiás - Lei nº 8033/1975 - estabelece que o policial militar deve trazer consigo o sentimento de servir à comunidade estadual, traduzido pela vontade inabalável de cumprir o dever policial-militar e pelo integral devotamento à manutenção da ordem pública, mesmo com o risco da própria vida, a fé na elevada missão da Polícia Militar, o espírito de corpo, orgulho do Policial-Militar pela organização onde serve e etc.

Não podemos ignorar o sentimento que o policial tem ao empunhar seu armamento, cautelar seu colete balístico e sua viatura para sair para o patrulhamento, para as ações comunitárias(que não é o foco principal da atividade policial) entres outros, o sentimento é de medo, apreensão, muitas das vezes de desconfiança da sociedade, o que leva o policial depositar sua confiança no colega de trabalho, assim criando um sentimento de “eu por você e você por mim” e é isso que muita das vezes faz os policiais se livrarem de situações de perigo e desespero e que se não houvesse essa reciprocidade e até mesmo de corporação talvez não os livrariam. Existe um ditado muito pregado na policia que diz “nossa

missão é voltar para casa” e isso é fielmente fixado pelos os policiais comandantes do policiamento toda vez que uma tropa entra em forma para determinado serviço na rua. Todo esse sentimento e ideias que o militarismo e a atividade policial militar traz é válido, traz solidez à tropa, coragem, fé, capacidade de enfrentar desafios que pareciam impossíveis de vencer.

Porém como tudo têm seu lado negativo, todo esse sentimento de missão e corporativismo pode trazer sérios riscos ao policial militar depois que o mesmo não está mais na ativa, pois toda essa fé, o pensamento positivo o espírito de corpo e outros valores são pregados para que a tropa exerça-os e apresente-os no dia a dia de serviço tanto no batalhão quanto na rua (principalmente na rua), ou seja, o policial abre mão de sua família, de seus lazeres, de suas vontades para se dedicar ao bem do serviço, à atividade policial militar, aos colegas de patrulhamento, ao seu comandante.

Quando o policial militar vai para a reserva remunerada e, por conseguinte, é reformado, o policial fica desorientado, sente que todos os 30 anos de serviço todas as abdições que fizera, todo o valor que sentia, transmitia e recebia dos outros policiais estavam embasadas não na sua pessoa ou no seu próprio valor, mas na sua condição de policial da ativa, do policial que realizava prisões e conduzia os infratores a delegacias, acarretando no esquecimento da corporação e não só da corporação, mas também das seções assistenciais de saúde, das associações que antes defendiam os direitos desse policial outrora da ativa e problemas psicológicos.

Os policiais militares que estão na inatividade ainda contam com o suporte da Corporação? Porque esses policiais militares são esquecidos pela corporação e pelas autoridades depois que passam para a inatividade? Porque os valores são pregados, dentro da tropa muitas das vezes, diretamente ao serviço ativo? Como os policiais lidam com ocorrências envolvendo os policiais reformados? Será que prerrogativas mantidas mesmo depois de reformados são realmente respeitadas pelos policiais da ativa? Existe uma Associação responsável em cuidar/defender os direitos desses policiais? Porque muitos policiais da reserva remunerada querem voltar e acabam voltando ao serviço ativo?

O objetivo dessa pesquisa é estudar como os policiais reformados se relacionam com a Corporação, como sentem os reformados e o que pensam que a Polícia Militar de Goiás e seus colegas policiais poderiam fazer por eles, uma vez que dedicaram uma vida toda ao trabalho policial.

A pesquisa se dará por meio de entrevistas semiestruturadas com policiais militares aposentados e que hoje vivem na região do 5º Comando Regional da Polícia Militar combinado com a análise de documentos de associações e departamentos assistenciais.

O texto iniciará discutindo os diversos valores que o militar, em especial o policial militar, cultiva desde que incorpora na instituição militar até a data de sua reforma, que no caso passa a ser um militar inativo para a corporação, assim perdendo de ter e de receber pela corporação os valores que são cultivados durante os 30 anos de serviço ativo de sua instituição, mesmo preservando as responsabilidades e prerrogativas do posto ou graduação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O espírito de corpo é o orgulho inato aos homens de farda por integrar o Exército Brasileiro, atuando em uma de suas Organizações Militares, exercendo suas atividades profissionais, por meio de suas competências, junto aos seus superiores, pares e subordinados. Deve ser entendido como um "orgulho coletivo", uma "vontade coletiva". O espírito de corpo reflete o grau de coesão da tropa e de camaradagem entre seus integrantes e se exterioriza por meio de: canções militares, gritos de guerra e lemas evocativos; uso de distintivos e condecorações regulamentares; irretocável apresentação e, em especial, do culto de valores e tradições de sua Organização Militar (EXÉRCITO BRASILEIRO).

Reiner (2004)relata que para uma compreensão de como os policiais veem o mundo social e seu papel nele a "cultura policial", é fundamental uma análise do que eles fazem e de sua função política geral, inclusive deve ser feita uma distinção importante entre a cultura policial, a orientação tida e expressa por policiais no curso de seu trabalho, e a cultura cantineira, os valores e crenças mostrados na socialização fora do cumprimento do dever.

Reiner (2004) também enfatiza que culturas são complexos conjuntos de valores, atitudes, símbolo, regras e praticas, que emergem quando pessoas reagem ás exigências e situações que enfrentam, interpretadas através de estruturas cognitivas e de orientações que trazem consigo de experiências anteriores. As culturas são modeladas, mas não determinadas, pelas pressões estruturais dos ambientes dos atores (o que Chan, 1997 chama de HABITUS, seguindo o uso de Bourdieu). REINER (2004).

Outro ponto que Reiner (2004) aborda é a solidariedade e o isolamento policial pelo fato que por serem julgados pela população e pela suspeição e conservadorismo (valores existentes na sociedade), os policiais acabam se isolando e se relacionando mais com os integrantes da corporação do que com os cidadãos comuns. A solidariedade interna é produto não só do isolamento, mas também da necessidade de ser capaz de confiar nos colegas em uma situação difícil, e uma armadura protegendo a força como um todo, para que o público não conheça suas infrações. [...] A solidariedade da tropa

quase sempre tem como objetivo esconder, da atenção dos policiais de supervisão, pequenas violações (que Cain, 1973, p. 37, chama de “comportamento relaxado”). (REINER, 2004, p. 140).

Já sobre o trabalho policial, Bayley (2002) define que a única característica exclusiva da polícia é que ela está autorizada a usar a força física para regular as relações interpessoais nas comunidades. Essa é uma definição; ela ensina como reconhecer minimamente a polícia. Mas não é uma descrição de tudo que a polícia faz. (BAYLEY, 2002). Ou seja, quando os policiais vão para a reserva eles de uma certa maneira perdem essa característica exclusiva da polícia, usando apenas em casos extremos (por exemplo, em reações à roubos ou em legítima defesa própria ou de outrem), apesar de não ser somente essa a atribuição da Polícia.

A Fundação Tiradentes é uma instituição do Terceiro Setor, ou seja, uma instituição privada, mas sem fins lucrativos, constituída exclusivamente para salvaguardar o policial militar e sua família.

Seu princípio é o de que quem protege vidas alheias precisa ter a sua vida e a da própria família beneficiadas por uma cultura de cuidados especiais, composta de vários programas. Este é o foco da Fundação Tiradentes.

Ela foi instituída em 10 de julho de 2003 para se dedicar à garantia de serviços e insumos que visem melhorias constantes na qualidade de vida de policiais militares ativos, inativos, pensionistas e dependentes, somando milhares de beneficiários. É mantida especialmente pelo Fundo de Assistência Social (FAS) instituído pela Lei 11.866 de 28 de dezembro de 1992 (art. 44 a 50).

Todas as organizações representativas de classe participaram como instituidoras da Fundação Tiradentes. Assim, caminham juntas há mais de 12 anos. Antes da existência da Fundação Tiradentes, ainda em 1966, houve a instituição do Serviço de Assistência Social da Polícia Militar, no comando do coronel PM Eurides Curvo. Em 1975, a Lei de Organização Básica da PM transformou o serviço em Centro de Assistência Social (Caso). No ano de 1982 houve a reestruturação do setor com a ampliação para serviço social e psicologia. Estas foram as bases que, 37 anos depois, levariam à consolidação de uma instituição externa à Corporação PM.

Foi em 1998 que o diretor de Assistência Social do Caso à época, o então major Elói Bezerra de Castro Neto, apresentou ao Comando da PM a necessidade de estruturar uma fundação que cuidasse especificamente da área social da Corporação, permitindo que os recursos do Fundo de Assistência Social fossem rigidamente aplicados no bem estar do policial militar, sob a supervisão do Ministério Público, conforme prevê a legislação – Código

Civil, Art. 66. Em seguida, ele elaborou o estatuto da instituição, sendo Presidente da Fundação Tiradentes de 2003 até julho de 2014, já como coronel. Ele foi substituído em agosto de 2014 pelo atual Diretor-Presidente, o então Major e hoje Tenente-Coronel Cleber Aparecido Santos, que já integrava os quadros da Fundação Tiradentes desde novembro de 2011, primeiramente como Diretor Financeiro e depois como Diretor Administrativo.

3 METODOLOGIA

O objetivo dessa pesquisa é entender o sentimento que os policiais já aposentados têm em relação à profissão, aos anseios que alcançaram durante os anos em que serviram a Instituição, tentar identificar e trazer métodos para resolver ou minimizar os problemas que forem identificados durante a entrevista e que ocorre com os policiais já reformados.

Serão visitados e posteriormente entrevistados cerca de 4 policiais militares, dentre esses, reformados que não voltaram ao serviço ativo e policiais da reserva remunerada que acabaram voltando ao trabalho policial, sejam eles do serviço administrativo ou operacional.

Os entrevistados foram escolhidos por respeitarem as particularidades de estudo dessa problemática, compatíveis com os objetivos da pesquisa, sendo todos do 5º Comando Regional da Polícia Militar – Entorno do Distrito Federal.

Será aplicada a mesma entrevista, no mesmo modelo, aos 4 policiais e após o término serão analisadas separadamente as respostas de cada um, assim chegando em alguma conclusão do determinado assunto. Os entrevistados não serão identificados por escolha dos mesmos. Dessa forma, o modelo de entrevista se encontra no Anexo 1.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 4 policiais militares do Estado de Goiás, todos são praças e dentre eles subtenentes e sargentos. Os quatro policiais eram do serviço operacional da PM, 2 voltaram e 2 não. Todos os entrevistados são do Entorno do DF, porém com a formação de Goiânia.

- Há quantos anos o senhor está na polícia militar?

Entrevistado 1: *“Há 34 anos”*.

Entrevistado 2: *“Há 33 anos”*.

Entrevistado 3: *“Há 38 anos”*.

Entrevistado 4: *“Há 37 anos”*.

- ingressou na PM com qual idade?

Entrevistado 1: *“18 anos”*.

Entrevistado 2: *“19 anos”*.

Entrevistado 3: *“22 anos”*.

Entrevistado 4: *“21 anos”*.

- tem curso superior?

Entrevistado 1: *“Não”*.

Entrevistado 2: *“Não”*.

Entrevistado 3: *“Não”*.

Entrevistado 4: *“Não”*.

- já teve outra profissão? Se sim, qual?

Entrevistado 1: *“Sim. Pedreiro”*.

Entrevistado 2: *“Não”*.

Entrevistado 3: *“Não”*.

Entrevistado 4: *“Não”*.

- já ficou algum tempo afastado da instituição?

Entrevistado 1: *“Somente por causa da Reserva Remunerada”*.

Entrevistado 2: *“Sim, no tempo que fiquei na reserva remunerada, antes de voltar para o serviço ativo novamente”*.

Entrevistado 3: *“Não”*.

Entrevistado 4: *“Não”*.

- já desenvolveu alguma doença em razão da profissão policial?

Entrevistado 1: *“Não”*.

Entrevistado 2: *“Não”*.

Entrevistado 3: *“Não”*.

Entrevistado 4: *“Não”*.

- se sente amparado pelos serviços sociais prestados pela Fundação Tiradentes?

Entrevistado 1: *“Totalmente”*

Entrevistado 2: *“As vezes me sinto desamparado, mas em muitas coisas a Fundação já me ajudou.”*

Entrevistado 3: *“Sim”*.

Entrevistado 4: *“Me sinto satisfeito com os serviços da Fundação”*.

- sente diferença do tratamento que tem hoje na condição de reformado para o tratamento que tinha no serviço ativo?

Entrevistado 1: *“As vezes. Não por todos, mas por uma parte da instituição”*.

Entrevistado 2: *“Às vezes já ouvi algumas piadas pelo fato de eu ser da Reserva Remunerada, porém é uma minoria”*.

Entrevistado 3: *“No serviço ativo eu tinha mais amigos policiais, pode ser pelo fato que eu tinha fama de brabo e linha dura, hoje não tenho tantos admiradores da policia como eu tinha antes.”*

Entrevistado 4: *“Mudou bem pouco”*.

- voltou ao serviço ativo por qual motivo? Pela vontade de realização pessoal ou pelo incentivo financeiro?

Entrevistado 1: *“Voltei pela realização pessoal. Eu não tinha outra profissão e nem lazer que pudesse me preencher, por isso quis voltar!”*.

Entrevistado 2: *“Voltei pela realização pessoal, pois fiquei 2 anos na RR e lá eu não tinha o que fazer, surgiram outras oportunidades de serviços particulares e eu não quis”*.

Entrevistado 3: *“Não voltei”*.

Entrevistado 4: *“Não voltei”*.

- Se pudesse voltar ao serviço ativo, voltaria?

Entrevistado 1: *“Sim, tive essa oportunidade e estou de volta”*.

Entrevistado 2: *“Sim, por isso estou aqui.”*

Entrevistado 3: *“Com certeza”*.

Entrevistado 4: *“Não. Eu já fiz muito pela população, creio que meu tempo agora é outro”*.

- se sente discriminado pela instituição? Por qual motivo ?

Entrevistado 1: *“já senti isso”*.

Entrevistado 2: *“Me sentia quando estava na RR, hoje não mais”*.

Entrevistado 3: “*Sim, as vezes tenho esse sentimento*”.

Entrevistado 4: “*Não, muito pelo contrário, me sinto é mais privilegiado*”.

Na entrevista a cima podemos ver que todos os entrevistados possuem mais de 30 anos de policia, ou seja, há mais de 30 anos eles vêm cultivando os valores que o pesquisador Robert Reiner cita em “A política da polícia” o que os leva a se isolar da sociedade e se relacionarem mais com seus companheiros de farda.

Observa-se também que 3 dos 4 entrevistados não tinham outra profissão antes de serem policiais militares, o que faz acarretar numa espécie de “dependência” do trabalho policial militar, pois quando vão para a reserva não têm nenhum tipo de afazer, pois não se cultivou outro tipo de serviço. Nenhum dos pesquisados possui curso superior, o que fecha as portas de emprego e de conhecimentos de novas áreas de atuação, além da área policial.

Somente 2 ficaram afastados de exercer o trabalho policial, mas por motivo da reserva remunerada, que é quando o policial completa 30 anos de serviço e fica “aposentado”, porém podendo retornar e trabalhar por mais 5 anos, e completando 35 anos de serviços ele é compulsória e definitivamente aposentado, não podendo mais voltar. Todos sentem-se amparados pela a Fundação Tiradentes, o que mostra que ao menos nesse quesito não há distinções entres os inativos e ativos da instituição. Os dois policiais que retornaram ao serviço ativo nos relataram que ao se aposentar não tinham nada a fazer, não possuíam outra profissão ou habilidade para se dedicar e então se sentiam parados, definitivamente e assim que tiveram a oportunidade de voltar para o serviço ativo, voltaram. Relatam também o maior incentivo foi a realização pessoal, de rever os amigos de 30 anos de serviço, de vestir a farda e se sentir novamente policiais. O entrevistado 3 se expressou da seguinte maneira “*-se pudesse voltar, voltaria*”. Já o entrevistado 4 relatou “*- Não voltaria, já fiz muito pela sociedade*”.

Podemos constatar que 3 dos 4 entrevistados sentem-se ou se sentiam discriminados pela instituição e está diretamente ligado em estar no serviço ativo ou não. Observa-se que 3 dos questionados tinham ou têm esse sentimento e 2 tinham quando estavam na reserva remunerada e 1 ainda têm, coincidentemente esse entrevistado não retornou ao serviço ativo. É importante ressaltar que Reiner já nos alertava sobre tal situação, pois a solidariedade está totalmente ligada às batalhas que os policiais enfrentam no dia a dia e, não estando mais ativo, o policial não tem mais as batalhas diárias e assim perde a solidariedade interna, o que acarreta nos esquecimentos desses policiais. Fato disso são os policiais que retornaram ao serviço ativo e voltaram a sentir a atenção da tropa para com eles. Todas as entrevistas foram transcritas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde se concluir que os policiais aposentados não têm, em sua maioria, discriminação por parte da tropa por estarem na referida situação de inatividade e que se sentem amparados pelos serviços prestados por fundações e associações que cuidam de seus direitos como servidores públicos e policiais militares.

Entretanto podemos perceber que todos os policiais (com exceção da minoria) que se aposentaram, se pudessem voltar ao serviço ativo voltaria, pois, os mesmos acabam relatando que quando vão para a reserva sentem falta do serviço policial e nenhum outro serviço os preenchem. Portanto, é preciso conscientizar os policiais militares da ativa, que, um dia a reforma vem e devem se preparar para ela, porque caso contrário, sofrerão emocionalmente, psicologicamente, financeiramente e fisicamente com a necessidade de serem policiais da ativa e não serão mais.

Vale ressaltar que foi encontrado dificuldade de se ter sinceridade em algumas respostas por partes dos entrevistados por medo de terem represálias, o que dificultou ou um pouco o trabalho. Outro ponto dificultoso foi de encontrar referências bibliográficas específicas do assunto.

Para uma futura pesquisa sobre esse mesmo assunto é interessante focar nos policiais oficiais de alta patente, e correlacionar com as praças para ver se os resultados serão iguais ou não.

REFERENCIAS

FUNDAÇÃO TIRADENTES. Av. contorno, n2.185, Goiania-GO. Disponível em: www.tiradentes.org.br. Acesso em: 20 mar. 2018.

BAYLEY, David H. **Padrões de Policiamento: Uma Análise Internacional Comparativa** Vol. 1. Edusp, 2001.

REINER, Robert. **A política da polícia**. Edusp, 2004.

APENDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 01.** quanto tempo o senhor está na policia militar?
- 02.** ingressou na PM com qual idade?
- 03.** tem curso superior?
- 04.** já teve outra profissão? Se sim, qual?
- 05.** já ficou algum tempo afastado da instituição?
- 06.** já desenvolveu alguma doença em razão da profissão policial?
- 07.** se sente amparado pelos serviços sociais prestados pela Fundação Tiradentes ?
- 08.** sente diferença do tratamento que tem hoje na condição de reformado para o tratamento que tinha no serviço ativo?
- 09.** voltou ao serviço ativo por qual motivo? Pela vontade de realização pessoal ou pelo incentivo financeiro?
- 10.** Se pudesse voltar ao serviço ativo, voltaria?
- 11.** se sente discriminado pela instituição? Por qual motivo?